

transportam saudades e que exprimem a tranquilidade das nossas paisagens, sobretudo musicais. Vozes e instrumentos carregados de seculares tradições. Mas, para além destas e de outras entrevistas, vamos ainda abordar a música de alguns grupos folclóricos, falar de polifonias vocais de várias regiões, penetrar na Música Tradicional da Madeira e nas danças e bailados do Nordeste transmontano, nas seculares e religiosas canções do Sul e nos cantos e músicas do concelho de Miranda do Douro, Trás-os-Montes, onde se fala, e sobretudo se canta, em mirandês e onde se encontram tradições musicais e festas de uma autenticidade única, onde a gaita-de-foles, a flauta, o tamboril, as danças de pauliteiros, os romances e os cantos de trabalho, continuam extremamente vivos. Neste primeira abordagem, dar-lhe-emos a conhecer, resumidamente, alguns dos músicos e dos grupos que, nas próximas edições, vão deixar o seu testemunho aos nossos leitores.

Invasões bárbaras

Brevemente, dar-lhe-emos a conhecer os Gaiteiros de Lisboa, grupo que abriu um espaço musical que ainda não tinha sido explorado no nosso país, não só ao nível da sonoridade e das harmonias das Beiras, do Alentejo ou de Trás-os-Montes, mas também do timbre das gaitas e dos bombos.

Os Gaiteiros não usam braguesas nem cavaquinhos, fogem à tentação de usar instrumentos de corda, procurando a harmonia a partir das vozes individuais, com as expressões tradicionais portuguesas a combinarem peculiarmente com as específicas de outras culturas.

A recusa deliberada dos cordofones (com excepção para a sanfona) corresponde à rejeição consciente de ambientes já cristalizados. As harmonias de tradição popular combinam com instrumentos de outras culturas e contextos, e com alguns outros inventados pelo próprio grupo, para buscarmos novas sonoridades que privilegiam o aspecto harmónico e tímbrico. Com a ajuda e o estímulo de José Mário Branco, o grupo, fundado em 1991, realizou o seu primeiro concerto a 21 de Março de 1994, no Centro Cultural de Belém, altura em que começaram a apresentar uma "música em estado puro; uma alquimia fantástica", como escreveu na altura um

jornalista, confirmando que os Gaiteiros de Lisboa, mais que um projecto específico de abordagem às nossas raízes musicais, se propõem (re)inventar a nossa identidade cultural. Conscientes de que há uma herança por assumir e um legado cuja posse permanece por reivindicar, o grupo sabe que são precisas asas para manter a verdade das origens que nos remetem para o Ribatejo e para a Beira Baixa, através de diálogos entre percussões e gaitas-de-foles e flauta, para o Alentejo, onde a sanfona e a palheta tomam lugar de destaque, e especialmente para Trás-os-Montes, onde ecos populares ressoam sem rótulos nem espartilhos, sem muros nem ameias.

Pioneirismo da Brigada

No controverso processo de revivificação da nossa música tradicional, a Brigada Victor Jara assume foros de pioneirismo. Criada em 1975, o grupo lançou-se de imediato na recolha e tratamento de temas populares, num período em que tinham como objectivo principal preservar a música rural, tradicional portuguesa, através da recolha e da (re)interpretação.



Combinha